

ARTIGO

**DOSSIÊ EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADES: ASPECTOS DA  
LINGUAGEM**

**BILINGUISMO DOS SURDOS: LIBRAS E PORTUGUÊS L2 (ESCRITO) NO  
CONTEXTO EDUCACIONAL**

*(Bilingualism of the deaf people: Libras and (written) Portuguese as L2 in the  
educational context)*

*(Bilingüismo de sordos: Libras y portugués L2 (escrito) en el contexto educativo)*

Heloisa Maria M. Lima Salles <sup>1</sup>  
*(Universidade de Brasília)*

Rozana Reigota Naves <sup>2</sup>  
*(Universidade de Brasília)*

Recebido em: setembro de 2021  
Aceito em: dezembro de 2021  
DOI: 10.26512/les.v22i2.40924

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela University of Wales (Reino Unido) e Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora Associada do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília. Pesquisadora na área de concentração Teoria e Análise Linguística, com ênfase em sintaxe da complementação e das preposições, aquisição do português L2 e educação linguística. hsalles@unb.br.

<sup>2</sup> Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Pesquisadora na área de concentração Teoria e Análise Linguística, com ênfase na interface sintaxe-semântica, aquisição de línguas, descrição da língua portuguesa e da língua de sinais brasileira. rnaves@unb.br.

## RESUMO

*Este artigo discorre sobre o bilinguismo dos surdos no contexto educacional, considerando a relação entre a Libras (L1) e o português (escrito) como L2. Adotando a hipótese da Gramática Universal (Chomsky, [1995]/1999), investigamos a interferência da L1 nos estágios da interlíngua, especificamente na aquisição do sistema pronominal e dos tipos de verbos, particularmente os verbos espaciais. As propriedades divergentes em relação à língua alvo são analisadas como transferência de propriedades da L1 e efeito da diferença de modalidade entre as línguas. Concluímos que a identificação dessas propriedades propicia pautar o trabalho pedagógico em princípios e resultados científicos.*

**Palavras-chave:** Bilinguismo. Surdos. Interlíngua. Sistema pronominal. Tipos de verbos. Educação linguística..

## ABSTRACT

*This work discusses the bilingualism of the deaf people in the educational context, considering the relationship between Libras (L1) and (written) Portuguese as L2. Adopting the Universal Grammar hypothesis (Chomsky, [1995]/1999), we investigate the interference of L1 in the interlanguage stages, specifically in the acquisition of the pronominal system and the types of verbs, particularly the spatial verbs. The divergent properties in relation to the target language are analyzed as the transfer of L1 properties and the effect of the modality difference between the languages. We conclude that the identification of these properties makes it possible to base the pedagogical work on scientific principles and results.*

**Keywords:** Bilingualism. Deaf people. Interlanguage. Pronominal system. Types of verbs. Linguistic education

## RESUMEN

*Este trabajo analiza el bilingüismo de los sordos y su manifestación en el contexto educativo, considerando la relación entre Libras (L1) y portugués (escrito) como L2. Adoptando la hipótesis de la Gramática Universal (Chomsky, [1995] 1999), investigamos la interferencia de L1 en las etapas de interlengua, específicamente en la adquisición del sistema pronominal y de los tipos de verbos, particularmente los verbos espaciales. Las propiedades divergentes en relación con el idioma de destino se analizan como la transferencia de propiedades de L1 y el efecto de la diferencia de modalidad entre los idiomas. Concluimos que la identificación de estas propiedades permite basar el trabajo pedagógico en principios y resultados científicos.*

**Palabras clave:** Bilingüismo. Sordo. Interlingua. Sistema pronominal. Tipos de verbos. Educación lingüística

## INTRODUÇÃO

A linguagem é um atributo incomparável do ser humano. Sua manifestação nas línguas naturais nos leva a reconhecer sua complexidade e dinamicidade. No bojo dessas propriedades, encontra-se a notável capacidade humana de produzir enunciados sempre novos e de desenvolver novos conhecimentos linguísticos – o que pode se traduzir no fenômeno do bilinguismo, sempre que as condições sociais se mostram favoráveis à coexistência de duas (ou mais) línguas. Neste estudo, examinamos o chamado bilinguismo dos surdos, assim referido por seu enquadramento específico, ao envolver línguas versadas na modalidade visual-espacial e oral-auditiva, entre outros aspectos.<sup>3</sup>

Na investigação do bilinguismo dos surdos, emergem inúmeras vertentes para reflexão, que nos fazem reconhecer a centralidade da língua(gem) para o ser humano no desenvolvimento da subjetividade e das relações sociais e identitárias, tendo como fonte primordial o pensamento, que

---

<sup>3</sup> Não nos referimos ao fato, igualmente relevante, de os surdos poderem ser bilíngues em diferentes línguas de sinais.

nela se constitui. A dinâmica desse processo traz à luz um aspecto adicional: a diversidade linguística. Tal fenômeno tem sido objeto de muitas indagações, em diferentes abordagens. Na vertente filosófica, destaca-se o debate sobre o caráter universal da linguagem na relação com o pensamento e os múltiplos sentidos que se produzem nas situações de uso. Conforme observa Auroux (2009, p. 8-10), essas questões derivam da imersão na linguagem, de onde “dominamos nossa presença no mundo e nossa humanidade”, e se desdobram na discussão sobre as ambiguidades semânticas, na construção das linguagens formais, “destinadas a representar os sistemas lógicos”, seguindo-se a revalorização da linguagem comum e a definição das condições de significação como contingente na intencionalidade, “uma propriedade da consciência”. Em todos os tempos, ainda segundo o autor, mantém-se como fio condutor o pressuposto de que “o homem se define pela linguagem e pela racionalidade, o que significa que, sem linguagem, não haveria racionalidade”.

Essas questões se fazem presentes na qualificação da situação linguística dos surdos, ao vincularem, de forma inescapável, a língua (de sinais), em seus usos sociais múltiplos, e as potencialidades cognitivas, intelectuais e afetivas dessas pessoas. Sabemos que a trajetória dos surdos, ao longo dos tempos, tem sido de muito sofrimento, pela dificuldade de encontrar uma condição favorável ao desenvolvimento da língua de sinais, pela condição usual de nascerem em famílias de ouvintes, e de não contarem com o entendimento, especialmente dos ouvintes, de que o uso da modalidade oral-auditiva não é a única opção para se desenvolver a língua – uma língua pode ser expressa na modalidade visual-espacial, e por outros meios.<sup>4</sup> Trata-se, essencialmente, de propiciar o acesso aos dados linguísticos pelos sentidos. No caso dos surdos, são as mãos que dão forma aos signos linguísticos, assim como outros recursos, de caráter não manual, como a direção do olhar e os movimentos de corpo e de cabeça, os quais são acessíveis ao sentido da visão. Buscando difundir esse entendimento, a comunidade de surdos tem lutado para que as línguas de sinais obtenham reconhecimento na sociedade. Na história brasileira recente, temos assistido a muitos avanços, com a inserção social e educacional das pessoas surdas, desde a promulgação da chamada Lei de Libras, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a língua oficial da comunidade de surdos.<sup>5</sup> E neste ponto fazemos um tributo a essa luta, que se mantém viva, pois ainda há muitos caminhos a trilhar na consolidação dos direitos linguísticos e educacionais dos surdos.

Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre o bilinguismo dos surdos, considerando, em particular, as propriedades gramaticais da Libras e sua relação com o desenvolvimento do português (escrito) como segunda língua (L2) por surdos no contexto educacional. Nosso objetivo é demonstrar

---

<sup>4</sup> Um exemplo é o meio tátil, como no caso da Língua de Sinais tátil, usada primordialmente por pessoas surdo-cegas.

<sup>5</sup> A Lei de Libras é a Lei n. 10.436, de 24 abril de 2002. Merece ainda destaque a regulamentação dessa Lei, por meio do Decreto n. 5.626/2005, que estabelece, entre outros, o direito de acesso à educação bilíngue.

a relevância da investigação científica dessas questões para a realização de uma prática pedagógica efetiva, no sentido de promover o desenvolvimento acadêmico das pessoas surdas. Por hipótese, essa abordagem pode ser desenvolvida no âmbito da biolinguística, proposta por Noam Chomsky, segundo a qual o ser humano é dotado da faculdade de linguagem, uma capacidade inata que o habilita a adquirir língua – ou línguas.<sup>6</sup>

A discussão será desenvolvida como a seguir. Apresentamos, na seção 1, uma breve caracterização do bilinguismo, considerando o desenvolvimento da segunda língua em contexto de globalismo. Na seção 2, investigamos, em particular, o bilinguismo dos surdos, partindo da linguística da Língua Brasileira de Sinais, considerando, brevemente, aspectos como o sistema pronominal em sua relação com os tipos de verbos e a codificação dos sintagmas locativos. Na seção 3, mostramos a relação entre tais propriedades e o desenvolvimento do português como segunda língua. Em seguida, apresentamos as considerações finais.

## **1. BILINGUISMO DOS SURDOS**

### **1.1 Faculdade da linguagem, bilinguismo e globalismo**

O bilinguismo é um fenômeno que se manifesta de forma recorrente nas comunidades linguísticas desde sempre. Seu corolário é o contato de línguas, que resulta dos processos históricos que confrontam os grupos humanos, seja em situações de cooperação, seja por motivo de disputas, que levam a uma relação assimétrica entre os povos envolvidos, com implicações para o uso social das línguas faladas nesse contato.

Conforme observa Romaine (1989), o bilinguismo é a situação mais usual nas comunidades linguísticas, não o monolinguismo. No entanto, esse fenômeno assume diferentes manifestações. Se existe o indivíduo bilíngue total, que possui mais de uma primeira língua, o que configura o bilinguismo perfeito, seu contrário seria o bilinguismo imperfeito, em que se manifesta a complexa questão do uso social das línguas e as situações de plurilinguismo, com importantes implicações psicossociais e políticas. Essas questões são tratadas pelo ponto de vista da sociolinguística, destacando-se a proposta de Fasold (1984), sistematizada em Calvet (2007, p. 46-7), que parte do pressuposto de que “uma língua deve possuir certos atributos para preencher determinada função”. As funções incluem ser oficial, nacionalista, de grupo, veicular, internacional, escolar, religiosa, enquanto os atributos são distribuídos por critérios como padronização, uso amplo, fator de

---

<sup>6</sup> São inúmeras as obras de Noam Chomsky que formulam e fundamentam a hipótese inatista. Citamos Chomsky ([1995]/1999), obra traduzida para o português por Eduardo Raposo, que traz os fundamentos do chamado Programa Minimalista.

unificação, ser adquirível, estar presente na lista das línguas internacionais potenciais, ter padronização maior ou igual à língua dos alunos, ser clássica, respectivamente. Interessantemente, os critérios citados, orientados para o planejamento linguístico, em contexto de plurilinguismo, oferecem parâmetros para caracterizar o bilinguismo dos surdos, em que se sobressai o reconhecimento da língua de sinais como a primeira língua (L1), tendo em vista sua adequação à situação perceptual da pessoa surda, e seu corolário, que é o uso amplo e o papel unificador, concluindo-se que a língua de sinais possui os atributos necessários para desempenhar as funções postuladas pela comunidade surda, no contexto dos grandes desafios do globalismo e das demandas do mundo contemporâneo.

Esse cenário comporta ainda a questão da aquisição de segunda língua, usualmente vinculada à aquisição tardia e aos processos de desenvolvimento linguístico em ambientes não-naturalísticos, o que aponta para o papel do contexto social. Não temos como aprofundar essas questões neste artigo, mas podemos afirmar que o debate é intenso em relação à viabilidade de definir critérios para contrastar os tipos de bilinguismo. Fazendo uma retrospectiva dos estudos sobre esse tema, Lynch (2017) cita inicialmente Haugen (1953), para quem a capacidade de produzir enunciados com significado em mais de uma língua deve ser suficiente para a manifestação do bilinguismo. Citando Mackey (1968), Lynch (2017, p. 4) acrescenta: “distinções entre usos bilíngues e de segunda língua são arbitrárias, uma vez que é impossível identificar o ponto na vida em que o aprendiz de L2, enquanto um falante de uma L2, se torna um bilíngue, para efeito de classificação” [tradução nossa].<sup>7</sup> Lynch (2017, p. 8) observa que essa distinção torna-se mais complexa no mundo contemporâneo, em que o globalismo obscurece a distinção entre a aprendizagem na sala de aula (isto é, a língua como um construto) e o uso social (isto é, a língua como prática), uma vez que “alguns aspectos da aquisição e do uso linguístico nativo ficam confinados aos ambientes acadêmicos ou institucionais enquanto alguns aspectos da aquisição de segunda língua são ‘naturalísticos’, isto é, são usados com falantes ‘do mundo real’, em interações socialmente significativas” [tradução nossa].<sup>8</sup>

Estudos gerativos reforçam tal conclusão, como observa Hawkins (2006), que apresenta estudos que demonstram não haver diferenças, na aquisição de L2, entre ambiente naturalista e ambiente de instrução formal – podendo este último ser ainda acelerado. Nesse sentido, a aquisição de L2, baseada na instrução formal pode ser entendida, na atualidade, como um caminho que necessariamente se articula com trocas linguísticas em ambiente naturalístico, tendo como

<sup>7</sup> No original: “Mackey also emphasized that distinctions between bilingualism and L2 use were arbitrary, since it is impossible to identify a particular point in life at which the L2 learner *qua* L2 speaker becomes ‘bilingual’ for classificatory purposes of linguistic research” (p. 4).

<sup>8</sup> No original: “(...) some aspects of native language acquisition and use are largely confined to academic or institutional settings, and some aspects of SLA are ‘naturalistic’, i.e., the language is used with ‘real-world’ speakers in socially meaningful interactions”.

consequência imediata a manifestação do bilinguismo (e, por conseguinte, do plurilinguismo), o que confirma a observação inicial de que tal fenômeno é recorrente e natural. A distinção entre os tipos de bilinguismo não se resolve, portanto, pelo critério do nativismo em oposição à sucessividade ou ao tipo de contexto, apontando para um processo que pode ser caracterizado em termos das condições que propiciam a imersão linguística.

Nesse sentido, argumentamos que as condições que propiciam a imersão são determinantes para o desenvolvimento da segunda língua, sendo a educação linguística um meio de promover a experiência linguística de forma controlada, pela adoção de uma metodologia baseada no acesso aos padrões de estruturação linguística e na concepção de língua como prática social.

## **1.2 Bilinguismo dos surdos no contexto educacional**

A discussão sobre a situação linguística e educacional dos surdos tem sido amplamente abordada, sob diferentes enfoques, em diferentes abordagens teóricas. Eulália Fernandes (1990), pioneira no olhar sobre essa temática e na investigação da aquisição e do desenvolvimento da linguagem por pessoas surdas, evidencia a necessidade de propiciar à pessoa surda a exposição a uma língua o mais cedo possível, em observância às fases naturais de sua aquisição. Uma referência para essa conclusão são os resultados de Petitto e Marantette (1991), que demonstram o uso da modalidade oral e auditiva no balbucio tanto de crianças surdas quanto de crianças ouvintes, o que permite concluir que ambas as modalidades são inerentes ao processo de aquisição da linguagem. Segundo Fernandes e Correia (2005), essa concepção traz o fundamento para a qualificação do bilinguismo dos surdos, particularmente no que se refere ao entendimento da aquisição da língua de sinais, como primeira língua, e da língua portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua, o que vincula esse processo ao letramento e ao contexto educacional. Dessa forma, a educação bilíngue é um requisito para o desenvolvimento acadêmico dos surdos.

Nessa vertente, Karnopp (2005, p. 78) alerta para a necessidade de “varrer a ilusão da ‘deficiência verbal’ e oferecer uma noção mais adequada das relações entre a língua portuguesa e a língua de sinais”, alertando para o fato de que o ensino da língua portuguesa, em que se constitui o processo de letramento na escola, “apresenta-se desvinculado do conhecimento de mundo e do conhecimento linguístico dos alunos”. Acrescenta que a língua de sinais é usada essencialmente para traduzir enunciados do português, sendo a correspondência entre as duas línguas estabelecida mediante a subordinação à sintaxe da língua portuguesa. Retomaremos adiante essa questão.

A concepção de que é necessário ressignificar a relação entre as línguas envolvidas na educação linguística de surdos perpassa muitos outros estudos, conforme mencionado. Quadros

(2005, p. 35) observa que a educação bilíngue transcende as questões linguísticas, remetendo ao contexto de garantia de acesso e permanência na escola. “Essa escola está sendo definida pelos movimentos surdos: marca fundamental da consolidação de uma educação de surdos em um país que se entende equivocadamente monolíngue” (p. 35). Com esse entendimento, a autora situa a luta dos surdos no contexto mais amplo da busca por uma educação de qualidade, em que os direitos linguísticos sejam considerados essenciais aos avanços acadêmicos.

Dessa forma, retornamos à questão inicial, em que reconhecemos a recorrência do bilinguismo nas comunidades linguísticas, neste ponto analisada pela presença dos surdos nos grupos humanos e da língua de sinais, no contato com as línguas orais. No contexto dos diferentes enquadramentos teóricos, é relevante reconhecer a convergência das ideias quanto à necessidade de promover as condições adequadas ao desenvolvimento linguístico desses atores, de inegável relevância para o conhecimento da natureza humana e de seus múltiplos atributos, entre os quais se sobressai a capacidade de adquirir língua, ou línguas, em que se manifesta o bilinguismo.

A educação linguística dos surdos evidencia a relevância da escola nesse processo, confirmando-se a necessidade de uma abordagem científica do currículo, particularmente no que se refere ao ensino de línguas. Em particular, esperamos, com essa discussão, demonstrar a relevância de uma prática pedagógica bilíngue, no desenvolvimento acadêmico dos surdos, tendo como suporte a língua escrita, com implicações para a comunidade escolar como um todo. Passamos à discussão de alguns dos resultados da pesquisa científica na área da linguística das línguas de sinais, no tocante às propriedades da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da interlíngua de surdos na aquisição de português (escrito) como L2, tendo em vista o papel dessas línguas no contexto educacional.

## **2. A LINGUÍSTICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS**

A linguística das línguas de sinais institui-se no próprio desenvolvimento da Linguística, uma ciência jovem, em seu empreendimento de investigar a língua como objeto autônomo, tendo por referência fundamentos epistemológicos e pressupostos metodológicos. Nesse sentido, o enfrentamento das questões acerca da natureza das línguas de sinais tem propiciado grandes avanços em relação ao conhecimento das línguas em geral. É assim que a abordagem científica das línguas que se expressam na modalidade visual-espacial passou pela superação de vários mitos. Entre outros aspectos, constata-se que as línguas de sinais: são adquiridas por crianças (surdas) na primeira infância, em fases semelhantes às aquelas observadas em crianças ouvintes; são faladas espontaneamente em comunidades surdas, por meio de proposições e enunciados, com os efeitos retóricos desejáveis, de forma análoga ao observado nas línguas orais (cf. Quadros e Karnopp (2004)

e Sandler e Lillo-Martin (2006)). Essas constatações são o fundamento para a conclusão de que as línguas de sinais são línguas naturais, cabendo investigar, por meio de ferramentas analíticas apropriadas, a natureza da modalidade visual-espacial.

Neste trabalho, adotamos o modelo teórico da teoria gerativa na análise da estrutura linguística das línguas de sinais e do processo de desenvolvimento linguístico em que se manifesta o bilinguismo dos surdos. Examinamos algumas propriedades gramaticais da Libras, considerando o sistema pronominal na relação com tipos de verbos, em que distinguimos verbos simples e verbos de concordância, nestes últimos incluindo os verbos espaciais, por manifestarem um tipo de concordância locativa.

## 2.1 O sistema pronominal da Libras e os tipos de verbos

A investigação do sistema pronominal da Libras foi realizada pioneiramente por Ferreira Brito (1995).<sup>9</sup> Segundo a autora, a Libras apresenta pronomes verdadeiros, assim como as demais línguas de sinais. A análise parte da observação de que os pronomes são expressões codificadoras da referência, realizadas, na 1ª e na 2ª pessoa, pelo enunciador e destinatário, respectivamente, como categorias dêiticas, em oposição à 3ª pessoa, realizada pela indicação, no espaço de sinalização, de um referente presente, ou de um referente ausente, associado a um ponto definido arbitrariamente no espaço de sinalização.

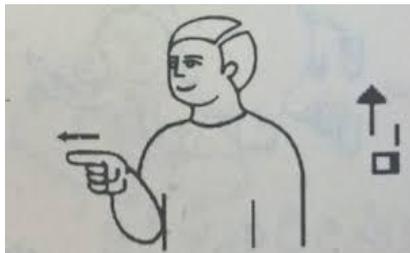
No entanto, segundo a autora, o sistema pronominal se estrutura por categorias convencionais (não transparentes), uma vez que alternam as estratégias ego-oposta e ego-alinhada, respectivamente definidas pela orientação oposta e coincidente da ponta do dedo em relação aos corpos dos interlocutores (enunciador e destinatário).<sup>10</sup> Ilustramos, a seguir, a indicação do referente na realização da categoria ‘pessoa’ por apontação, por exemplo IX.2s ‘você’ (Figura 1) e pelo movimento na estrutura do sinal, por exemplo 1s-TELEFONAR-2s ‘Eu telefono para você’ (Figura 2), respectivamente:<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Em nota, Ferreira Brito (1995) destaca que o capítulo sobre o sistema pronominal, publicado na obra citada, foi elaborado em coautoria com N. Berenz.

<sup>10</sup> A análise de Ferreira Brito (1995) apoia-se na análise de Fillmore (1982), que identifica os eixos de referência adotados nas línguas naturais, a saber: acima/abaixo; à frente/ atrás; à esquerda/ à direita.

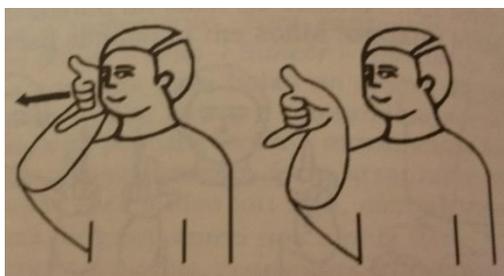
<sup>11</sup> Na transcrição dos dados da Libras, seguimos a convenção adotada em muitos estudos descritivos, glosando os enunciados por meio do uso de palavras em português, em caixa alta, sempre que há correspondência de significado, acrescentando-se as categorias gramaticais relevantes (cf. Felipe 1998, entre outros). Considerando os objetivos da discussão, consideramos ser suficiente a apresentação de imagens/ fotos com a respectiva glosa. Destacamos o uso de ‘IX’, seguido da indicação da pessoa e número (1/2/3.s/pl), para indicar a categoria pronome pessoal.

**Figura 1 – Exemplo de apontação para indicar a categoria pessoa: IX.2s ‘você’**

Fonte: Capovilla *et al.* (2009, p. 89)

**Figura 2 – Exemplo de movimento do sinal para indicar a categoria ‘pessoa’:**

**1s-TELEFONAR-2s ‘Eu telefono para você’**



Fonte: Capovilla *et al.* (2009, p. 2.342)

A análise do sistema pronominal nas línguas de sinais vai muito além da identificação das categorias ilustradas nas Figuras 1 e 2. Segundo Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 377), alguns estudos propõem que a distinção entre a 2ª e a 3ª pessoa não é determinada no sistema pronominal, pois a identificação do destinatário, em oposição à de outros referentes, depende do acesso a uma situação discursiva específica. Dessa forma, a oposição é entre a 1ª pessoa *vs* não-1ª pessoa (estes últimos realizados pelas múltiplas ocorrências ou subtipos de referenciação no espaço de sinalização). Uma alternativa à multiplicidade de formas é a proposta de distinguir entre a categoria PRONOME, listada no léxico, e o índice referencial, também associado ao Sintagma Nominal (SN) pleno – um efeito da modalidade, já que as línguas orais não manifestam essa divisão.<sup>12</sup>

Além disso, verifica-se a relação entre a expressão morfossintática do sistema pronominal e a gramática dos tipos de verbos nas línguas de sinais, uma vez que o uso do sinal de apontação (Figura 1), que corresponde à estratégia ego-oposta, é associado a estruturas com verbos simples, enquanto o uso do movimento direcional na estrutura do sinal (Figura 2), que corresponde à estratégia ego-alinhada, é associada a estruturas com verbos direcionais, conforme destaca Ferreira Brito (1995).

<sup>12</sup> Referimos, neste ponto, a análise de Prado (2014), que inclui a categoria Localizador (Loc), na estrutura do sintagma determinante.

Existe um amplo debate teórico em relação a essa tipologia que distingue verbos simples e verbos direcionais, também chamados de verbos concordância. As análises partem da observação de que o movimento direcional no verbo do tipo TELEFONAR (Figura 2), marca, na origem, a referência do argumento em posição de sujeito e, no ponto de chegada, a referência do argumento em posição de objeto. Diante disso, Quadros (1999) propõe que esses verbos manifestam flexão de sujeito e de objeto, o que explica sua designação como verbos de concordância. Diferentemente, verbos simples não apresentam flexão, pois o movimento (constitutivo da estrutura do sinal) não marca a referência do argumento nas posições de sujeito e de objeto, o que exige que a categoria pronominal seja realizada pela apontação (ou por uma estratégia não manual, como a direção do olhar).

Nesta discussão, é relevante considerar, ainda, os efeitos de modalidade na expressão da categoria pronominal e na relação com os tipos de verbo nas línguas de sinais (LS), a par das propriedades gramaticais encontradas nas línguas orais (LO). Na seção a seguir, retomamos os tipos de verbos, demonstrando aspectos adicionais, com ênfase na modalidade visual-espacial.

## **2.2 Tipos de verbos: verbos simples e verbos de concordância e de concordância locativa**

O debate sobre a classificação dos verbos nas línguas de sinais é extenso, sendo os trabalhos de Padden ([1983]/1988, 1990) sobre a Língua de Sinais Americana (do inglês, *American Sign Language* – ASL) considerados referência para os estudos da Libras. Na sua formulação inicial, Padden ([1983]/1988) apresenta o espaço nas línguas de sinais como uma entidade semântica que faz parte da unidade lexical. Em sua sintaxe espacial, o autor subdivide os verbos da ASL em: verbos simples (*plain verbs*), que apresentam apenas a flexão de aspecto; verbos de movimento (*verbs of motion*), que apresentam uma morfologia complexa, locativa; e os verbos com flexão (*inflecting verbs*), que se flexionam em pessoa e número, além de aspecto.

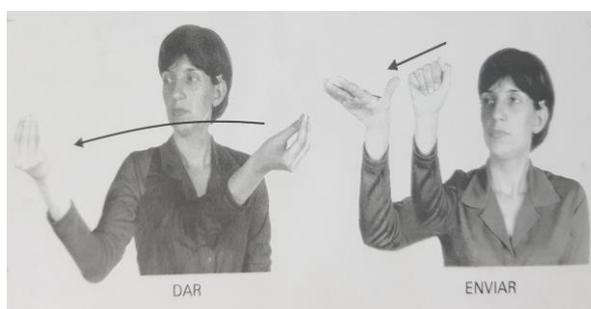
Nesse sentido, a distinção entre os tipos de verbos baseia-se fortemente em propriedades ditas flexionais, em particular a concordância, analisada como um elemento gramatical. Seguindo a análise proposta em Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004, p. 116-119) adotam (parcialmente) a classificação de Padden ([1983]/1988), assumindo a hipótese de distinguir os verbos nas línguas de sinais em dois grandes grupos: os verbos simples (Figura 3), que não se flexionam em número e pessoa, e os verbos com concordância, estes últimos reunindo os verbos com concordância (Figura 4), que apresentam flexão de pessoa, e os verbos espaciais (Figura 5), com concordância locativa.

**Figura 3 – Exemplos de verbos simples: CONHECER, AMAR, APRENDER**



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 117)

**Figura 4 – Exemplos de verbos com concordância: DAR; ENVIAR**



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 117)

**Figura 5 – Exemplo de verbo espacial: COLOCAR**



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 118)

Observa-se nas Figuras 4 e 5, em oposição à Figura 3, que o movimento direcional é o elemento gramatical responsável por marcar a distinção entre verbos simples, de um lado, e verbos com concordância e com concordância locativa (os chamados verbos espaciais), de outro. Essa propriedade compartilhada por esses dois últimos tipos de verbos levou Quadros (1999) a enquadrar os verbos espaciais em Libras na classe dos verbos com concordância, reunindo em uma só classe os dois tipos de verbos.

Quadros e Karnopp (2004, p. 200-201) apontam que, na literatura sobre línguas de sinais, a análise da concordância como elemento gramatical se justifica pelos seguintes motivos, entre outros:

- as formas para primeira pessoa e não-primeira pessoa são diferentes;
- a presença de marcação de número nos verbos apresenta múltiplas formas em diferentes línguas de sinais;
- a existência de auxiliar em algumas línguas de sinais expressam a relação sujeito-verbo nas construções com verbos que não marcam concordância; (...).

Assim, no caso dos verbos com concordância (Figura 4), o ponto inicial do movimento do sinal do verbo marca o argumento na posição de sujeito, enquanto o ponto inicial do movimento direcional marca o argumento na posição de objeto. Analogamente, no caso dos verbos espaciais, o movimento direcional é tratado por Quadros (1999) – e posteriormente por Quadros e Quer (2010) – como um caso de concordância locativa, em que o ponto inicial do movimento marca o início da trajetória do argumento deslocado, enquanto o ponto final do movimento direcional marca o fim da trajetória.<sup>13</sup> Apesar das diferentes seleções semânticas dos argumentos – verbos com concordância selecionam argumentos animados, ao passo que verbos espaciais selecionam argumentos locativos (que se definem em termos das coordenadas espaciais), – ambos os tipos de verbos apresentariam a mesma sintaxe no que diz respeito ao movimento direcional, embora a referência vinculada seja gramaticalmente distinta por codificar, respectivamente *pessoa* e *localização*.<sup>14</sup>

A questão, portanto, não é pacífica: o problema se coloca, especificamente, quanto às propriedades morfossintáticas do argumento locativo que os verbos espaciais selecionam, o qual é descrito na literatura ora como sendo um afixo locativo (cf. Padden [1983]/1988), ora como sendo um elemento de concordância, tal como no caso dos verbos de concordância (de pessoa) em Libras (cf. Quadros, 1999; Quadros e Quer, 2010). Tratar um elemento morfossintático como morfema de concordância ou afixo conduz a distinções gramaticais relevantes para a descrição de uma língua, que ainda carecem de estudo no campo da linguística das línguas de sinais, com foco nas propriedades sintáticas e semânticas do movimento direcional, quando associado à semântica locativa.<sup>15</sup> Neste ponto, assumimos a distinção entre verbos simples e verbos com concordância, considerando que a codificação gramatical da categoria ‘pessoa’, em oposição à categoria ‘locativo’ (advérbio), seja por

---

<sup>13</sup> Em um subgrupo dos verbos de concordância, o ponto inicial do movimento direcional marca a posição de objeto, enquanto o ponto final marca a posição de sujeito. É o caso de verbos como BUSCAR e CHAMAR, que compõem a subclasse dos chamados verbos de concordância reversa (cf. Lourenço e Duarte (2014) e Silva *et al.* (2021).

<sup>14</sup> Rathmann and Marthur (2002, citados por Quadros e Karnopp, 2004, p. 201) destacam a relação entre o uso da concordância em verbos com concordância e a presença do traço de animacidade no argumento interno.

<sup>15</sup> Muitos estudos poderiam ser citados em relação aos tipos de verbos nas línguas de sinais. Destacamos estudo recente de Lourenço (2020), em que é refutada a distinção corrente entre verbos simples (sem concordância) e verbos com concordância, em favor da hipótese de que o tipo de movimento na estrutura do sinal define a disponibilidade de pontos para identificar os referentes, o que torna a concordância um fenômeno mais amplo, sendo sua distribuição determinada crucialmente por restrições fonológicas.

pronomes independentes, seja por categorias flexionais na estrutura do verbo (pelo uso do movimento direcional), tem implicações para o desenvolvimento da L2.

Na próxima seção, examinamos a aquisição do português (escrito) como segunda língua, tomando como referencial estudos sobre interlíngua no contexto da educação linguística de surdos.

### **3. ESTUDOS DA INTERLÍNGUA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA DE SURDOS: ALGUNS RESULTADOS**

Nesta seção, apresentamos dois estudos da interlíngua de surdos aprendizes de português (escrito) como segunda língua, desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, tendo como referencial teórico a hipótese da Gramática Universal (GU), tal como formulada por Noam Chomsky.<sup>16</sup> O conceito de interlíngua foi formulado por Selinker (1972, citado por Elis, 1997), para referir-se às fases do desenvolvimento da L2, assim definidas por suas propriedades sistemáticas, que correspondem a uma variedade aproximativa. A investigação de suas características tem sido objeto dos estudos de aquisição de L2, tendo como pressuposto a hipótese de que a transferência das estruturas da L1 é sistemática, manifestando-se como em etapas do desenvolvimento linguístico.<sup>17</sup>

Na análise da interlíngua, partimos da hipótese do acesso (parcial) à Gramática Universal, o que pressupõe a interferência da primeira língua (L1) nas fases da interlíngua, sendo a L1 o estado mental inicial nesse processo. Em relação à situação linguística dos surdos, sabemos que, em alguns casos, o acesso à L1 é tardio, por ocorrer primordialmente na escola. Essa situação deve-se ao fato de que, na maioria dos casos, os surdos são filhos de pais ouvintes, que não usam a língua de sinais, embora haja mudanças importantes nesse cenário, frutos das políticas públicas e dos avanços em relação à necessidade de expor a criança surda o mais cedo possível à língua de sinais (cf. Quadros, 1997; Cunha Pereira, 2005; Kelman, 2005, entre muitos outros).

No quadro teórico gerativista, o estudo da interlíngua é o meio pelo qual a natureza do desenvolvimento linguístico se torna acessível, o que permite avaliar a transferência dos valores paramétricos da L1 e a possibilidade de refixação paramétrica, tendo em vista a hipótese do acesso à Gramática Universal (White, 2003). Dessa forma, o estudo das fases da interlíngua se faz necessário

---

<sup>16</sup> A Gramática Universal (GU) constitui-se de propriedades universais – princípios invariantes – e de opções de variação determinadas por propriedades formais das categorias funcionais – parâmetros (Chomsky, [1995]/1999).

<sup>17</sup> De acordo com Ellis (1995), a hipótese da transferência da L1 origina-se na abordagem da Análise Contrastiva, na qual se distingue transferência positiva e negativa. Em termos gerativistas, a transferência é **positiva**, se o parâmetro da L1 for coincidente com o da língua alvo, e **negativa**, se forem divergentes, e a interlíngua manifesta o parâmetro da L1. A manifestação de um parâmetro divergente da L1 e da língua alvo (L2), configura o acesso total à GU.

para o entendimento da natureza da aquisição de L2, por um lado, e para a adoção de estratégias no sentido de promover a imersão linguística controlada, por outro, como desejamos propor adiante.

Passamos à apresentação dos resultados de Andrade (2019), que trata do sistema pronominal na aquisição do português (escrito) como L2 por estudantes surdos em contexto educacional, e de Oliveira (2018), que trata do verbo *ir* de movimento na produção escrita de aprendizes surdos de português (escrito) como L2.

### 3.1 O uso do sistema pronominal no português (escrito) como L2 por surdos

O estudo de Andrade (2016) (cf. também Andrade e Lima-Salles, 2020) investiga o uso do sistema pronominal por surdos falantes de Libras (L1) na aquisição de português como segunda língua (L2). Assumindo a hipótese do acesso (parcial) à GU, nos termos de White (2003), sendo Libras o estado mental inicial nesse processo, a análise parte do contraste em (1) e (2), a seguir, entre o português e a Libras: enquanto em português o sujeito é expresso pelo pronome *ele* na posição de sujeito e pelo pronome *você* na posição de objeto, na Libras, a apontação orientada para pontos previamente determinados no espaço, indica os referentes de 3ª e 2ª pessoa, respectivamente.

(1) Ele ama você

(2) IX.3s AMAR IX.2s

Adicionalmente, considera-se que, em Libras, a depender do tipo verbo, o sujeito e o objeto são marcados, pelo movimento direcional, o que, por hipótese, configura a presença de categorias flexionais de sujeito e de objeto na estrutura morfossintática do predicado (veja-se seção 2.2). Em relação ao português, a marcação do argumento por categorias flexionais na estrutura morfossintática do predicado está restrita à posição de sujeito (cf. *(nós) amamos você*).

Restringindo a análise às estruturas com o sujeito pronominal expresso, é possível afirmar que, em ambas as línguas, os pronomes ocorrem como formas independentes e na ordem SVO. No entanto, é relevante considerar o efeito da modalidade, tendo em vista a hipótese de que a categoria pronome nas línguas de sinais inclui um índice locativo (ausente nas línguas orais), o que se configura como um efeito da modalidade. Nesse sentido, a previsão é que a divergência em relação à língua alvo esteja presente no estágio inicial, por desconhecimento dos itens lexicais relevantes, cabendo investigar o uso da interlíngua no decorrer do tempo de exposição à língua alvo, e os fatores que determinam a retenção dessa divergência, se houver.

O estudo foi realizado com a participação de três estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, quatro estudantes do 1º ano e cinco estudantes do 2º ano do Ensino Médio, em duas

escolas estaduais inclusivas da cidade de São João del Rei (Minas Gerais).<sup>18</sup> Na análise, foi adotada a perspectiva transversal, mediante a hipótese de que o *input* linguístico da aquisição aumenta em função do nível acadêmico dos participantes. A produção escrita em português (L2) foi realizada em atividade semiestruturada, por preenchimento de lacuna, de acordo com o modelo a seguir:

(3) Layse e Fabiana são amigas. [Elas] se dão bem.

(4) Quebrei um prato. [Ele] era de cristal.

Em relação ao total de acertos, verificou-se aumento no percentual de usos convergentes (acertos) dos pronomes pessoais na posição de sujeito, em função do nível de escolarização (33,3% > 37,5% > 54%).<sup>19</sup> Entre outros fatores, foi relevante para a distribuição dos usos convergentes a ocorrência de pronomes de 3ª pessoa (*ele(s)/ ela(s)*), considerados independentemente da convergência na flexão de gênero e número, com antecedente animado. Em particular, os participantes do terceiro grupo (2º ano) alcançaram 100% de acertos nos contextos em que os pronomes têm como antecedente os sintagmas nominais marcados para o traço de animacidade (o que não ocorre com antecedentes inanimados).

Com base nas conclusões de Andrade (2016) e Andrade e Lima-Salles (2020) e seguindo as observações da seção 2.1, concluímos que, além do efeito de modalidade, associado ao uso do índice referencial, a assimetria entre a 1ª pessoa e a não-1ª pessoa em Libras, constitui um contraste paramétrico, em relação ao português (em que esse contraste não ocorre) (cf. Benveniste 1995). Quanto ao papel do traço de animacidade, é possível concluir que a gramática da interlíngua, nesse estágio, codifica a hierarquia ‘humano/animado > inanimado’ no uso do pronome de 3ª pessoa, o que se observa em muitos sistemas pronominais.

### 3.2 Verbos de movimento: o caso do verbo *ir* na produção escrita de aprendizes surdos

Naves e Oliveira (2020) abordam a questão do ensino de português escrito para surdos, focando, mais detidamente, no estudo desenvolvido por Oliveira (2018) a respeito da expressão morfossintática do verbo *ir* de movimento na produção escrita de aprendizes surdos de português.

O verbo *ir* é empregado em sentenças que expressam deslocamentos em uma direção, como em *Carlos foi ao Park Shopping*, implicação a noção de trajetória que se expressa, no caso desse

<sup>18</sup> Os participantes se declararam surdos profundos ou severos e proficientes em Libras. A direção da escola e os pais e/ou responsáveis emitiram carta de consentimento (cf. Andrade, 2016).

<sup>19</sup> De acordo com Andrade e Lima-Salles (2020, p. 1179) “nos grupos I e III, que correspondem aos pontos inicial e final dos níveis acadêmicos examinados, a proporção de acertos (SIM) tem significância estatística (p-valor=0,0052).”

exemplo, pelo argumento locativo (o local de destino ou alvo do movimento), no caso, o sintagma preposicional *ao Park Shopping*. O estudo cita os trabalhos de Eugênio (2004) e Eugênio Souto (2014), segundo a qual o verbo *ir* traduz um movimento que descreve uma trajetória, variável que pode ser satisfeita, na predicação, por uma das seguintes categorias: o início da trajetória (5a), a própria trajetória (5b), o fim da trajetória (5c), ou o modo como a trajetória se cumpre (5d).

- (5) a. De onde você vai para o Aeroporto? Eu vou do Plano Piloto.
- b. Felipe e Ana foram de São Paulo para Brasília.
- c. Paulo foi para a escola.
- d. O carro vai vagarosamente pela estrada de chão.

Quanto à Libras, Capovilla (2009, p. 1300) descreve que esse verbo é sinalizado com a “mão em 1 invertido, palma para trás, indicador apontado para baixo. Mover a mão para frente, virando a palma para baixo e dedo indicador apontando para frente”.

**Figura 6 – Sinal para o verbo *ir***



Fonte: CAPOVILLA *et al.*, 2009, p. 1300

O Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (LIRA *et al.*, *on line*), fruto do projeto Acessibilidade Brasil, registra, ainda, duas entradas para o verbo *ir* com o sentido de deslocamento:

**Quadro 1 – Dados do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais**

Palavra	Acepção	Exemplo em LSB	Exemplo em Português
IR <sup>1</sup>	Deslocar-se para um determinado lugar; comparecer a um evento ou local.	EU IR CINEMA VOCÊ QUER IR-JUNTO?	Vou ao cinema, você quer ir junto?

IR <sup>2</sup>	Retirar-se de um determinado lugar; partir.	POR FAVOR VOCÊ PRECISAR IR- EMBORA	Por favor, você precisa ir embora.
-----------------	---	--	------------------------------------

Fonte: Oliveira (2018), com dados extraídos de Lira e Souza (2008).

Observa-se que o sinal IR em Libras não exige a manifestação de um elemento preposicional para introduzir o locativo e que a Libras, por ter natureza visual-espacial, pode recorrer a outras estratégias gramaticais para introduzir o locativo.

A fim de analisar o processo de aquisição do verbo *ir* no português (escrito) como L2 por surdos, realizou-se uma coleta de dados monitorada, por meio de duas atividades de produção de textos, com figuras e/ou comandos motivacionais para o desenvolvimento de narrativas, aplicadas a estudantes das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio, oriundos de duas instituições de ensino públicas que aplicam metodologia bilíngue para o ensino e a aprendizagem dos surdos.<sup>20</sup>

Os resultados, decorrentes da análise de 53 (cinquenta e três) ocorrências do verbo *ir* de movimento, produzidas por 19 (dezenove) estudantes das duas instituições, foram sistematizados nos seguintes estágios de interlíngua (Naves e Oliveira, 2020, p. 122):<sup>21</sup>

- estágio inicial (S<sub>0</sub>): presença do verbo *ir* sem o locativo, como influência do verbo espacial de movimento em LSB, que incorpora a trajetória (S<sub>0</sub> = V Ø<sub>loc</sub>);
- estágio 1 (S<sub>1</sub>): manifestação da trajetória, o que pode se dar de três formas – a) presença do locativo não preposicionado (S<sub>1</sub> = V LOC<sub>não preposicionado</sub>);  
b) presença do locativo *lá* (S<sub>1</sub> = V LOC<sub>anaf</sub>);  
c) presença de elemento adverbial que sature a interpretação locativa, como *já* e *embora* (S<sub>1</sub> = V Ø<sub>loc adv</sub>);
- estágio 2 (S<sub>2</sub>): manifestação da preposição nas construções com verbo *ir* de movimento (S<sub>2</sub> = V LOC<sub>prep</sub>).

Evidencia-se, assim, a transferência de propriedades da L1 (a Libras ou LSB – Língua de Sinais Brasileira) no chamado estágio inicial da interlíngua e na alínea (a) do estágio 1.

<sup>20</sup> Segundo Naves e Oliveira (2020): “Os estudantes tinham as seguintes características sociolinguísticas: 13 eram do sexo feminino e 6 do sexo masculino; 17 deles tinham idades entre 15 e 20, 1 tinha 25 anos e 1 tinha 30 anos (esses dois últimos fora da faixa etária para esses níveis de escolarização); 12 apresentavam surdez profunda e bilateral, os demais apresentavam surdez moderada e bilateral; 5 se comunicavam usualmente por Libras e os demais declaram utilizar tanto a Libras quanto a língua oral em suas comunicações cotidianas.”

<sup>21</sup> Não se pode afirmar nada sobre haver uma sequência na aquisição desses três estágios, o que requereria um estudo longitudinal desse processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre o bilinguismo dos surdos e sua manifestação no contexto educacional, considerando, particularmente, a relação entre a Libras, considerada a L1 dos surdos, e o desenvolvimento do português (escrito) como L2. Adotando a hipótese da Gramática Universal, nos termos de Chomsky ([1995]/ 1999), discutimos alguns aspectos da linguística das línguas de sinais, enfatizando o sistema pronominal e a distinção entre verbos simples e verbos com concordância. Com essa análise, investigamos a hipótese da interferência da L1 nos estágios da interlíngua, considerando, os estudos voltados para o desenvolvimento do sistema pronominal e dos tipos de verbos, particularmente, os verbos espaciais (no caso, o verbo *ir* de movimento).

Seguindo os estudos citados, as propriedades divergentes em relação à língua alvo foram analisadas como transferência de propriedades (paramétricas) da L1 no desenvolvimento do português (escrito) como L2, bem como efeito da diferença de modalidade entre as línguas envolvidas (especialmente quanto ao uso do movimento, na codificação da referência e do argumento locativo). Em particular, no ensino do sistema pronominal do português, evidencia-se a necessidade de se desenvolver uma metodologia que explicita o uso do pronome de 3ª pessoa como anafórico de antecedentes inanimados no *input* linguístico. Em relação às estruturas com verbos de movimento, é necessário desenvolver uma metodologia que explicita o uso sistemático de preposição introdutora do argumento locativo. Espera-se que a identificação dessas propriedades propicia que o trabalho pedagógico seja pautado em princípios científicos e em resultados obtidos de forma controlada, por meios de metodologias especificamente desenhadas para alcançar os objetivos pretendidos.

Os resultados reportados nas seções 3.1 e 3.2 devem ser considerados pelo ponto de vista dos aspectos internos da língua, definidos no âmbito da hipótese da GU. Dessa forma, as propriedades da interlíngua se constituem no acesso ao *input* da língua alvo (português), tendo em vista as condições perceptuais dos surdos, que exigem o uso da língua escrita no contexto educacional, por um lado, e nas restrições impostas pelo acesso (parcial) à GU, em que se configura a interferência da L1. Essas condições se materializam, no fenômeno do globalismo, em que o acesso à informação se amplia e se aprofunda, pelo uso de tecnologias cada vez mais sofisticadas, o que resulta na superação da fronteira entre atividade instrucional desenvolvida na sala de aula e a imersão obtida nos ambientes naturalísticos, citada anteriormente. Igualmente, em relação ao ensino da língua escrita, o globalismo propicia o amplo acesso às variedades linguísticas e dialetais, à diversidade dos gêneros textuais, o que permite desenvolver esse conhecimento pelo ponto de vista das possibilidades dos sistemas linguísticos não das restrições impostas pela norma padrão.

Com essa discussão, desejamos demonstrar que língua e sociedade estão intrinsecamente ligadas, devendo a escola promover uma atitude favorável em relação à diversidade linguística, pelo entendimento de que as línguas, os dialetos, as variedades sociais e regionais são manifestação da faculdade de linguagem, entendida, nos termos de Noam Chomsky, como um conhecimento inato, que habilita o indivíduo a falar uma ou mais línguas e vivenciar, pela interação, os múltiplos usos e o caráter social das línguas.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, T. **Pronomes Pessoais na Interlíngua do Surdo/a Aprendiz de Português L2 (Escrito)**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2016.
- ANDRADE, T.; LIMA-SALLES, H. M. Pronomes pessoais na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2) escrito. **Estudos Linguísticos** 49 (3), p. 1166-1194, São Paulo, 2020.
- AUROUX, S. **Filosofia da linguagem**. Trad. M. Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**. Vol. 1. 4ª ed., Campinas: Pontes, 1995.
- CALVET, J. L. **As políticas linguísticas**. Trad. I. de O. Duarte, J. Tenfen, M. Bagno. São Paulo: Parábola Editorial/ IPOL, 2007.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais - DEIT-LIBRAS**. Volume 1: Sinais de A a H e volume 2: Sinais de I a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2009.
- CHOMSKY, N. **O Programa Minimalista**. Trad. E. Raposo. Lisboa: Caminho, [1995]/1999.
- CUNHA PEREIRA, M. C. Aquisição da língua(gem) por crianças surdas, filhas de pais ouvintes. *In:* FERNANDES, E. (org.) **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, p. 65-79.
- ELLIS, R. **Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- FELIPE, T. A. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- FERNANDES, E. **Problemas Linguísticos e Cognitivos do Surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- FERNANDES, E.; CORREIA, C. M. de C. Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. *In:* FERNANDES, E. (org.) **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 7-25.
- FERREIRA BRITO, L. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1995.
- HAWKINS, R. **Second Language Syntax: a generative perspective**. Oxford: Blackwell, 2006.
- KARNOPP, L. Práticas de leitura e escrita em escolas de surdos. *In:* FERNANDES, E. (org.) **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre/RS: Editora Mediação, 2005. p. 65-79.
- KELMAN, C. Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias. *In:* FERNANDES, E. (org.) **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, p. 87-103.

- LYNCH, A. **Bilingualism and Second Language Acquisition**. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/315846897\\_Bilingualism\\_and\\_Second\\_Language\\_Acquisition](https://www.researchgate.net/publication/315846897_Bilingualism_and_Second_Language_Acquisition). Acesso em 08/05/2021.
- LOURENÇO, G. Redefinindo o conceito de concordância verbal em Língua Brasileira de Sinais. *In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (org). Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis, SC: Editora Insular. (Série SELS, v. 5), 2020.
- LOURENÇO, G.; DUARTE, F. B. Caso e concordância em Língua de Sinais Brasileira: investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**. Juiz de Fora, v. 18 (1), p. 342-366, 2014.
- NAVES, R. R.; OLIVEIRA, U. A. Ensino de português brasileiro escrito para surdos: um estudo sobre o desenvolvimento da competência linguística. *In: RAMOS, A. A. L.; LIMA, R.. (org.). Modalidades linguístico-culturais: reflexões epistêmicas para o ensino*. Vol. 1. Brasília/Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2020. p. 104-126.
- PADDEN, C. A. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language**. New York/ London: Garland Publishing, [1983]/1998.
- \_\_\_\_\_. The Relation Between Space and Grammar in ASL Verb Morphology. **Sign Language Research - Theoretical Issues**. Gallaudet University Press. Washington. 1990. p. 118-132.
- QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- \_\_\_\_\_. A aquisição de L2: o contexto da pessoa surda. *In Anais do III Seminário Internacional e Linguística*. Porto Alegre: Gráfica Epêce, 1999.
- \_\_\_\_\_. O “Bi” em bilinguismo na educação de surdos. *In: FERNANDES, E. (org.) Surdez e Bilinguismo*. Porto Alegre/RS: Editora Mediação, 2005. p. 26-36.
- PRADO, L.C. **Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição**. Dissertação para obtenção do título de Mestre pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. 2014.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, R. M. e QUER, J. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. *In: LIMA-SALLES, H. M. L.; NAVES, R. (orgs.) Estudos Gerativos de Língua de Sinais Brasileira e de Aquisição de Português (L2) por Surdos*. Goiânia. Cãnone Editorial, 2010.
- ROMAINE, S. **Bilingualism**. Blackwell, Oxford, 1989.
- SALLES, H. M. M. L.; NAVES, R. Estudos gerativos: fundamentos teóricos e de aquisição de L1 e L2. *In: LIMA-SALLES, H. M. L.; NAVES, R. (orgs.) Estudos Gerativos de Língua de Sinais Brasileira e de Aquisição de Português (L2) por Surdos*. Goiânia: Cãnone, 2010. p. 19-32.
- SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and Linguistic Universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- SELINKER, L. Interlanguage. *In.: IRAL*. Vol. 10. N. 3, p. 209-231, 1972.
- SILVA, K. M. S. da; VELASCO, B. M.; ANDRADE, A. de M. F. Uma breve análise sobre o verbo de concordância reversa CONVIDAR em LSB. Comunicação no 68º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL). Online, 2021.
- WHITE, L. **Second Language Acquisition and Universal Grammar**. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 2003.